



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ABADE DE TAGILDE.

CÂNDIDO, J.

Ano: 1913 | Número: 30

Como citar este documento:

CÂNDIDO, J., Abade de Tagilde. *Revista de Guimarães*, 30 Jan.-Dez. 1913, p. 7-18.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ABBADE DE TAGILDE

Salvar do olvido, que parasitariamente viceja e medra na terra das sepulturas, nomes que a saudade de uns e o respeito de todos reclamam para a vida larga da posteridade, é a santa missão dos que, mingoados de recursos propios, alguma coisa querem fazer para o futuro das sociedades.

Pede o a perfectibilidade e a tão fecunda solidariiedade da especie.

Não é sem riscos o registo d'aquelles nomes.

Involvidos na atmospherá nevoenta e artificialmente temperada das nossas paixões, que nos impede a visão clara das coisas, possuidor da necessidade de amaciar asperezas que nos chocam no conspecto tão complexo das pessoas e do meio, constrangidos muitas vezes a indultarmos o que não é indultavel, a disfarçarmos a falta do bom ouro de qualidades reaes com a purpurina d'uma critica soezmente parcial, e a inaltermos nos outros as nossas proprias qualidades, convertendo assim a critica numa autobiographia, quantos e quantos riscos que ameaçam de insuccesso a nossa collaboração naquelle registo!

Santo Amaro! quantas recordações, quanta saudade nesta só evocação!

Eramos moços, somos velhos. Era uma alvorada illuminando-nos a azul tão sem nuvens da vida, é um crepusculo innoitando-nos com a caligem da treva a ultima hora da vida, que nos foge; era o *sursumcorda* das nossas aspirações, é a *omnia vanitas* dos nossos desenganos; era a esperança chamando-nos com os deslustramentos d'uma miragem feiticeira, é a realidade tão triste, tão triste, que dolentemente suspira pela paz das sepulturas; era a arte na sua grande funcção — idealizando o real e realisando o ideal, é a negação apagando as luzes da fé, deslastrando-nos a alma de esperança, soterrando o amor no que elle tem de mais ethereo e divino com a caliça do egoismo no que elle tem de mais sordido e asqueroso; era o fervor crescente por um culto, é o furor trasbordante d'iconoclastas impenitentes e relapsos.

Cantava-se, chora-se, iamos para a vida, vamos para a morte. Havia nomes na sciencia, na litteratura, na arte e na politica, agora ha anonymos; os que podiam ter um nome escondem-se, por modestia? não, pelo receio do anachronismo.

Era—hontem, é—hoje, hoje talvez sem—amanhã.

Eu não sei bem se, contrariamente ao conceito d'um grande genio, as ruinas não são já o berço do futuro, mas só o tumulo do passado.

*

A sua naturalidade deu o nome, com que era conhecido entre condiscipulos e contemporaneos, ao futuro Abbade de Tagilde, que não foi só o parochio mais distincto e de mais valor no concelho de Guimaraães, mas tambem um dos filhos que melhor honrou, serviu e bem mereceu d'esta terra tão venerandamente fidalga.

Com as suas qualidades de intelligencia e de trabalho, e na plena consciencia do seu valor relativo o Abbade de Tagilde seria grande em toda a parte.

Commemorar a sua vida escholar é recordar a

sua e minha mocidade, é— e valha-me isso para dignificar este trabalho — obedecer, como me cumpria, ao graciosissimo convite d'um amigo, que muito preseiei, e que foi d'entre os jovens da nossa terra o mais devoto e consciante admirador do Abbade de Tagilde e da sua obra. (1)

As lagrimas da minha dor e da minha saudade, ainda agora e sempre tão sentidas, o *infandum renovare dolorem* de ideaes batidos pela luz impiedosa e crua d'esta hora de tão descaraveis amarguras, dirão aos homens de coração, que me honrarem com a sua attenção, o que ha de doloroso e triste na minha obediencia.

*

Num dos numeros da *Revue française*, M. Paul Raynal, fallando d'um dos homens de mais valor da mentalidade franceza d'hoje, cita as seguintes linhas d'um livro d'esse gentilissimo espirito—*Trente cinq ans d'épiscopat*, e que definem o que foram os annos da sua vida escolar.

«Nada eguala a tranquillidade, a paz intima e profunda, a suavidade serena e doce d'esses annos que lá vão. A minha imaginação não precisa collorilos com tons enganadores, nem decoral-os com fementidos encantos. Na minha mente desfila essa mocidade tão fervorosa e amavel em cujo seio achei corações tão nobres, e almas tão leaes, tão simples e tão puras. O meu espirito revê nossos mestres tão veneraveis, paternaes e doces, levemente ingenuos, e prestigiosamente encantadores na sua phisionomia grave, e nos seus cabellos brancos. Recordo o entusiasmo dos nossos estudos, o coriosissimo despertar dos nossos espiritos, os ardis innocentes nas nossas relações com os nossos professores... Que alegria tão communicativa a d'es-

(1) O mallogrado Dr. João de Meira. Mal eu cuidava que havia de irmanar na dor d'esta commemoração os que irmanados por um grande talento caminhavam com equal ardor na via aspera da sciencia em demanda da verdade e luz que os enamorava.

ses rapazes avidos de saber e preocupados já com as disposições do mundo em que vão lançar-se.»

M. Raynal celebra calorosamente a ternura tão delicada, a graça toda original d'estas linhas.

Adoravel, diremos ainda. Foi assim a nossa mocidade. Depois... ai depois o egoismo esterilizador, a intoxicação pelas hypocrisias das convenções sociaes, o ardimento cego e louco nas luctas pela vida passaram sobre os nossos vinte annos, e as exuberancias das nossas floridas almas d'adolescentes eil-as murchas e queimadas mal sustendo nas suas hastes calcinadas as raras saudades que por lá vicejam.

Nem todos tinhamos talento, que é sempre o privilegio de bem poucos, mas havia em todos esse mixto de dedicação e generosidade, que é a bondade, e se, como diz Gounod, o homem se curva perante o talento, e ajoelha perante a bondade, todos estavamos bem servidos na partilha.

*

Por 1867 apparecia no lyceu de Braga, vindo de Coimbra, um rapaz, anonymo ainda, pois mal principiava o seu noviciado litterario, mas com talento e qualidades de trabalho mais que bastantes para conquistar um nome.

Era João Gomes d'Oliveira Guimarães. E' possivel que dos rapazes d'então nem todos lhe tenham retido o nome, mas não ha um que tenha esquecido o Santo Amaro. Sob esse nome viveu na nossa arcadia, como mais tarde na nossa estima, e agora na nossa saudade.

Tinha então o lyceu de Braga um corpo docente brilhantissimo, e bem á altura das necessidades do ensino.

Para esses homens, que foram os nossos mestres, iam então os nossos respeitos de rapazes, como vae hoje a nossa saudade de velhos que já somos.

Todos desapareceram.

Todos, não; sobrevive ainda o nosso amigo snr. dr. José Alves de Moura, que pelo brilho inextinguivel do seu tão culto espirito, e pelos primores adoraveis

do seu tão grande coração, é uma veneranda reliquia, em tudo digna d'esses homens de tão largo saber que foram os seus collegas e de tão carinhoso coração que foram os nossos mestres.

Perante as cathedras d'homens d'um tão alto relevo intellectual, scientifico e moral, perpassou então uma geração academica, em que ha nomes, que são o justo desvanecimento dos que tivemos a honra de ser seus condiscipulos e contemporaneos. Eram Gonçaves Crespo, Alfredo Campos, Antonio Candido, Manoel Marnôco, Arzilla da Fonseca, Conde de Felgueiras, Antonio Feijó, Visconde de Pindella, José Novaes, Conde de Arnoso, Dr. João Manoel Corrêa, D. Francisco José, Bispo de Lamego, Dr. Manoel Gama, Paulo Marcelino, Pereira e Cunha, Dr. Luiz José Dias, Dr. José Maria Rodrigues, Dr. Sousa Gomes, Silva Cordeiro, Dr. Dias da Silva, Dr. Fernandes Vaz, Dr. Sanches, Dr. Meira, e quasi no occaso da nossa vida escholar o santo e apostolico Senhor Arcebispo Bispo da Guarda (1) que tão brilhantemente se está affirmando nesta hora o defensor indefesso e intemerato, *sans peur et sans reproche*, das liberdades da Egreja.

Nesta tão opulenta floração de talentos ha nomes, que são dos primeiros entre as mais lidimas illustrações da sciencia, da litteratura, da hyerarchia, da diplomacia, da politica e do magisterio, e o destaque numa geração que esmaltava os seus braços com as tão rutilas fulgurações d'uma tal élite, é já uma consagração.

Essa não faltou ao nosso Santo Amaro. A ala luzida dos namorados da sciencia tinha na sua vanguarda mais um combatente, e bem podia creditar no activo dos seus valores mais uma gloria.

Santo Amaro principiou desde logo a revelar-se—era um moço com talento, e que queria saber.

A agudeza do seu espirito e o seu grande poder d'assimilação eram servidos por extraordinarias e invejaveis qualidades de trabalho.

Não se deixando narcisar pelos louros conquista-

(1) Hoje Arcebispo de Braga.

dos seguia ávante demandando louros novos. Cápuia não estava no roteiro, que se tinha imposto para a sua peregrinação mental.

O estudante d'então deixava bem adivinhar o homem, que havia de morrer estudando. Assim á medida que ia alargando as fronteiras do seu saber, crescia na estima e consideração dos seus professores e condiscipulos. E com razão; a apothese da mediocridade veio bastante depois, e consequentemente a incompetencia não tinha ainda o culto depois assignalado por Emile Faguet.

Todos os que passaram pelas escholas sabem bem quanto o juizo dos rapazes vale mais para medir o valor d'um condiscipulo do que o juizo dos mestres para o seu julgamento — o exame. Ha neste contingencias que se não dão naquelle. As honrosissimas distincções conquistadas por Santo Amaro nos seus exames mostram porém como era uniforme o juizo com que professores e condiscipulos aquilatavam o seu merecimento.

Entrando anonymo no lyceu de Braga Santo Amaro ia deixal-o tendo conquistado um nome, que se podia lisongear o seu bem entendido amor proprio, devia preoccupal-o pelas responsabilidades, que lhe impunha. Como espirito bem formado Santo Amaro sabia bem quanto *noblesse oblige*.

Eil-o que passa, e os que com elle terminavamos o nosso curso de preparatorios subiamos ás vergas veleadas pelos enthusiasmos dos nossos dezoito annos para, como a vencedor, o saudarmos com os *hurrahs* da nossa ordenança de moços.

*

Deixando o lyceu de Braga em 1872 tinhamos diante de nós o curso triennial de Theologia.

O Seminario de Braga era então o primeiro do paiz.

Que era uma universidade diziam todos os que conheciam e admiravam a alta competencia do seu corpo docente. Havia nelle professores como o Dr.

Gomes Martins, o primeiro theologo portuguez, d'então.

Recusando-se a ficar na Universidade, como mais tarde recusara uma mitra, passou a sua vida modestamente num quarto do Seminario como professor de Theologia dogmatica especial. Era um sabio e um santo. Que proficiencia nas suas prelecções, que segurança de doutrina, que fé a d'aquelle altissimo espirito! Lembra-me ainda, como ha-de lembrar a muitos dos meus condiscipulos, uma prelecção sua, que, entre muitas, nunca esquecerei. Fallava sobre a divindade de Jesus, numa linguagem muito sua, desataviada, bastante incorrecta por vezes como d'homem que só com ideias se preocupa. O Dr. Martins faz uma synthese historica e critica de todos os erros e heresias que visam aquelle ponto de doutrina, como nunca ouvimos, vinga a verdade catholica com acentos d'um enthusiasmo crescente, sóbe, sóbe e de repente a palavra some-se e cobrindo o rosto com as mãos curva-se sobre a cadeira. Chorava. Dir-se-ia que a razão humana guiara esse homem até á fronteira da sciencia, e que ahí a fé lhe segredara a grande, a suprema palavra que o homem recolhe na sua ascensão para Deus: adora. Extase e adoração eram aquellas lagrimas. Deus te pague, meu santo mestre, os proficientissimos ensinamentos do teu saber e as edificantissimas lições da tua santa vida!

Um outro ornamento d'aquelle tão distincto professorado era ainda o erudito P.^e Martinho A. Pereira da Silva, honrado com a estima do grande Pontifice Pio IX. Um dos poucos sobreviventes da *entourage* de Oliveira Martins, que em recolhido e selecto cenaculo escutava uma despretençiosa conferencia sua sobre direito internacional, saudava-o ao terminar com estas palavras — a sua especialidade é a generalidade.

Da competencia e auctoridade do P.^e Martinho em todos os ramos da tão vasta e difficil sciencia theologica podia bem dizer-se que a sua especialidade era tambem a generalidade. Eram ainda nossos professores Alves Matheus, que pela sua tão brilhante eloquencia foi uma das primeiras glorias da tribuna sagrada e parlamentar; o Dr. Lopes Figueiredo a cuja potentissima intelligencia só faltou o estudo para ser

uma notabilidade, e outros, todos á altura das responsabilidades do ensino. Ao visto d'homens d'um tão alto valor ia Santo Amaro apresentar os seus titulos. Impunha-se ao seu brio a obrigação de não deixar murchar os seus louros. E não deixou, accrescentou-os.

As suas lições em *Historia Ecclesiastica*, uma notabilissima em *Theologia Dogmatica* sobre a prophesia de Daniel marcaram inilludivelmente a sua hegemonia intellectual. Das sabbatinas tão frequentes e tão temidas na vida escholar d'então uma houve, que ninguem esqueceu. Versava sobre suicidio, pena de morte e duello. Foram chamados Santo Amaro, Antonio M. de Seixas—o mallogrado Seixas, Julio Candido—o conhecido Abbade de Serzedo, Manoel Bacellar—o nosso Conego Bacellar, Manoel Miranda—o Mirandinha, e parece-me que o Dr. Pires de Freitas—hoje Abbade de Adaufe.

Era o escol do nosso curso. O professor da cadeira que era o fallecido Dr. Dias d'Araujo, e que seria hoje uma summidade se a morte o não surprehendesse prematuramente no meio dos seus aturadissimos estudos, desce á arena onde tão garbosamente se batiam aquelles rapazes.—Eu não discuto com V. Ex.^a diziam aquelles. Era a continencia respeitosa e gentil feita ao professor.

Depois professor e arguentes preliavam com um denodo e galhardia, que fizeram d'essa sabbatina a primeira entre todas da nossa carreira academica.

Dera a hora nesse dia com uma precocidade que todos lamentavamos, e o Dr. Dias radiante nos seus enthusiasmos de moço, pois moço era, parlamentava do alto da Cathedra com estas palavras: muito bem, meus Senhores, se um absurdo é sempre sustentavel por meia hora, com intelligencias como as que ahí estão pode sustentar-se por trez ou quatro horas. E ao sair os combatentes d'aquella hora acharam os braços de todos os seus condiscipulos abertos, anciosos de os abraçar num impulso de fraternidade authentica e sem suspeições como... adiante.

Ha na vida das escolas, entre rapazes de valor, invejas mal reprimidas e mal contidos despeitos.

E' humano. Temperemos com um pouco de indulgencia a severidade dos juizos dos puritanos. Pois

pode dizer-se, sem receio de desmentido, que d'isso não havia entre os sessenta e tantos rapazes do nosso curso. Se não fôra o desprimor para as gerações que nos succederam poder-se-ia referir o juizo d'alguem sobre o tão vivo e nunca desmentido espirito de solidariedade que tão intensamente animou sempre os nossos condiscipulos. Que nobreza naquella radiosa mocidade! No culto d'aquelle sentimento extremou-se sempre Santo Amaro, do que deu uma prova bem convincente no enthusiasmo tão communicativo com que mais tarde promoveu e trabalhou para a festa do nosso jubileu escolar dos 25 annos volvidos sobre o termo da nossa vida academica em 1875. Terminados neste anno o nosso curso deixava Santo Amaro o seminario, como deixara trez annos antes o lyceu — o alumno justa e distinctamente laureado, tendo conquistado pelo seu estudo a consideração dos seus mestres, e pelos primores do seu espirito e do seu caracter a estima dos seus condiscipulos. Segue agora para o altar.

*

Padre! «Sabeis — deixai-m'ò dizer com um genio — o que é um padre, oh vós que vos desconcertaes e sorrís desdenhosamente só com tal palavra? Um padre é por dever o amigo, a providencia viva de todos os infelizes, o consolador de todos os afflictos, o defensor dos que não teem defeza, o amparo da viuva, o pae do orphão. Toda a sua vida é uma longa e heroica immolação pelo bem dos seus semelhantes. Dormis ainda, e já o homem da caridade, precedendo a aurora, começou o dia do seu trabalho e bem fazer. Consolou o pobre, visitou o enfermo, enxugou as lagrimas do infortunio, ou fez borbulhar as do arrependimento, instruiu o ignorante, alentou o fraco, confirmou na virtude as almas açoitadas pelas tormentas das paixões. Eis o padre».

A estas palavras de Lamennaes, antes da sua deploravel queda, que accrescentar? A minha alma enamorada d'um ideal de grandeza moral, num brado soberbo de fé e enthusiasmo, nesta hora e em terras de

Portugal, acrescenta estas duas palavras apenas: tenho a honra de ser padre.

Santo Amaro fôra o estudante, o padre é agora o Abbade de Tagilde. Para a sua grande missão e para os seus subseqüentes estudos, em ordem a alargar os horizontes do seu espirito, não faltava ao Abbade de Tagilde, como temos visto, a therapeutica moral que Platão preconisava como indispensavel para a conquista da verdade.

O que foi esse padre, e sobretudo o que foi esse parochio sabem-o todos os que tivemos o prazer de o conhecer naquillo em que elle podia revelar-se. Como flores mimosas que só vicejam no ambiente tepido das estufas, ha na vida interior do padre virtudes que só florescem no sacrario inviolavel da vida intima. Expostas á luz crua do sol é profanal-as.

Ha na psychologia do Abbade de Tagilde um caso, que desconcerta os mediocrementemente versados na psychologia humana. Não é bem um caso psychologico; é antes um caso de theologia mystica. Não o profanemos porém; do lado de lá o Abbade de Tagilde bradar-nos-ia como Jehovah no cimo do Horeb: pára; é santo o terreno que pisas.

Se os inimigos do padre fossem homens de coração, e quizessem com um criterio seguro — o conhecimento do coração proprio—julgar das luctas e tormentas, que tumultuam no coração do padre, e dos riscos, que lhe accidentam a *via dolorosa*, oh no cimo do nosso Calvario, a justiça, numa hora de reparação, para-phraseando a palavra d'ha 20 seculos bradaria tambem — este homem era realmente o homem de Deus!

*

Do que foi o Abbade de Tagilde como jornalista, escriptor e homem de sciencia melhor o dirá a sua obra.

Do que foi como parochio dil-o com uma eloquencia superior a toda a eloquencia o que nós vimos em Tagilde no dia 22 d'abril de 1912.

Morrera o Abbade de Tagilde; a nova consternou

e enlutou a generosa alma vimaranense apesar de preparada para o triste desenlace. Nesses dias de lucto sentia-se bem que a vida não serve só para preparar phosphatos, como quer o materialismo, e que para dores taes só ha balsamos e confortos na consoladora palavra do christianismo — a vida serve para preparar a eternidade.

A expressão mais viva da grande dor d'aquella hora estava nas lagrimas tão sentidas do povo de Tagilde.

Que bom que é o nosso povo, quando, trabalhado satanicamente pela tão corrosiva perversão que tudo ameaça gangrenar, conserva ainda no peito uma tão pròvida reserva d'affectos e carinhos. Nunca o Abbade de Tagilde ambicionara mais eloquente oração funebre.

Prégavam aquellas lagrimas. Se lh'o não vedara a santa discipção do evangelho, o Abbade de Tagilde dir-nos-ia o preço porque lhe ficaram aquellas lagrimas—as necessidades a que acudira, as lagrimas que enxugou, os gelos fendidos pelo seu amor, as chagas que cicatrizou, os lares onde reaccendeu affectos o seu verbo de paz, as trevas que illuminou com os seus ensinamentos, as virtudes que floriram sob o calor dos seus exemplos, o bem que espalhou a mãos largas, todo o amor, todos os sacrificios da sua alma de apóstolo.

Prégavam aquellas lagrimas. Diziam na sua tão quente eloquencia como, em correspondencia com uma tão extensa e tão intensa vida parochial, o povo cultivava e acariciava o tão bello, o tão nobre, o tão raro sentimento de gratidão. Oh o tão raro sentimento de gratidão! No dia immediato áquelle em que se sepultou Louis Veillot, um dos mais altos engenhos da França, ao ver como todo o Paris da sciencia, da litteratura e da arte, onde Veillot tinha aliás tantos adversarios, accorrera a prestar-lhe a ultima homenagem, escrevia — como a morte abre horizontes! No dia em que se sepultava o Abbade de Tagilde, nós, os que com o lucto na alma e lagrimas nos olhos, acudiamos a dizer o ultimo adeus ao santo amigo, que perderamos, ao estranhar a ausencia de tantos que cortejavam o Abbade de Tagilde, que lhe bateram á porta a mendigar favores, que numa profanação repellente de

hypocrisia e doblez se diziam seus amigos, bem podiamos tambem dizer: como a morte abre horizontes, e em horizontes assim abertos pela morte como é mais clara a visão da pequenez e miserias da vida! A esthetica do quadro ganhará talvez com essa sombra, mas o coração humano perde e degrada-se com essa aberração. D'esse esquecimento desforçar-se-ha a memoria do Abbade de Tagilde com a perpetuidade que lhe garantem o valor de toda a sua obra e a eterna saudade dos nossos corações amigos.

«Só se morre quando se quer» dizia Goethe, e se, apesar da sua apparencia paradoxal, ha verdade num tal conceito, o Abbade de Tagilde não morrerá.

*

Na hora da tua santa morte — a morte do justo — bem podera o teu coração numa alternativa de dores e esperanza suspirar com o cantor das *Méditations poétiques*:

Viens donc, viens détacher mes chaines corporelles!

Viens, ouvre ma prison; viens, prête — moi tes ailes!

Que tardes — tu? Parais; que je m'élance enfin vers cet être inconnu, mon principe et ma fin.

Como a chamma deixando na terra as cinzas se adelgaça, crepita e sobe para o alto, assim a tua bella alma se evola para Deus; sacudindo as cinzas do teu fragil involucro, num supremo aneio da paz que não souberam dar-te as inclemencias da vida e dos homens.

Vae, borboleta sedenta de luz, deixa a treva, e foge e vôa para o fanal das eternas claridades; vae, ave sem ninho, demanda outros climas no ceu das eternas primaveras; vae, pobre captiva, e lá em cima, na patria, num arroubamento infindo, canta o hymno dulcissimo da tua libertação; vae... e perde-te e descança no seio amavel de Deus.

Villa Nova de Sande
3o de Janeiro.

J. CANDIDO.